

LIDERANÇA CARISMÁTICA EM DUNA DE FRANK HERBERT: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DE MAX WEBER E HANNAH ARENDT

Fabrício Pontin¹
Pedro Henrique Brevia de Azevedo²

RESUMO

O presente artigo pretende realizar um estudo de lideranças carismáticas e autoritárias no livro Duna de Frank Herbert. A questão central que orienta essa pesquisa é “como Herbert aborda lideranças carismáticas e os elementos que as cercam no livro?”. Para responder essa questão, será utilizada uma avaliação bibliográfica dos trabalhos de Max Weber sobre tipos de poder e os de Hannah Arendt sobre a teoria do totalitarismo, além de entender como ambos autores julgavam a presença das emoções nas lideranças carismáticas e totalitaristas, para em seguida uma análise aprofundada de Duna. Com essa análise, espera-se que o leitor possa compreender como ficções podem ser um meio de estudo de temas contemporâneos das relações internacionais. Os resultados demonstram que a obra de Herbert possui fortes traços tanto de Weber quanto de Arendt em diversas passagens, como o discurso de Paul ou a manipulação das massas fremen, além de demonstrar como livros de ficção conseguem abordar temas contemporâneos e complexos sem serem simplistas e vazios.

Palavras-chave: Duna; Emoção; Liderança; Massas; Religião.

1. INTRODUÇÃO

Em 1965, Frank Herbert publicou Duna, uma ficção científica ambientada em um futuro muito distante da humanidade onde acompanhamos Paul Atreides em sua jornada de vingança e de ascensão à figura de Messias. Duna foi um livro que estabeleceu diversos parâmetros literários e revolucionou como as ficções científicas podem abordar temas contemporâneos sob o véu de uma ficção. Diversos desses temas podem ser encontrados no livro, como religião, política (aqui dentro de toda uma gama de discussões, como formas de governo, a prática de governar, etc) e ecologia - esse sendo o mais inovador, pois o livro foi publicado no período dos movimentos hippies e durante o surgimento das primeiras preocupações sobre meio ambiente, que se tornariam uma parte das ações políticas dali pra frente.

Essa pesquisa surge com o objetivo de abordar e analisar como a obra de Herbert trabalha esses temas, especificamente lideranças carismáticas através da figura de Paul Atreides. Além desse personagem, também abordaremos brevemente como o pai de Paul, Leto, se encaixa em alguns padrões de liderança, entenderemos como Herbert utiliza da religião e ecologia como elementos explicativos do conceito de “heróis” carismáticos, e principalmente compreender

¹ Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Prof. Dr. Fabrício Pontin. E-mail: fabricao.pontin@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 15 dez. 2024

² Graduando do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Prof. Dr. Fabrício Pontin. E-mail: pedro.202111465@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 15 dez. 2024

como alguns elementos da base teórica utilizada neste trabalho podem ser encontrados ao longo do livro. Como resultado, também buscaremos demonstrar, com a análise feita, que ficções podem ser um meio válido para representações e debates de temas políticos e sociais contemporâneos, não carecendo de complexidade ou soando simplistas.

A metodologia utilizada será uma abordagem qualitativa, realizando uma avaliação bibliográfica do referencial teórico para, posteriormente, uma comparação aprofundada do livro Duna. Para estabelecer uma base teórica neste estudo, serão utilizados dois pensadores extremamente influentes e importantes para o estudo de liderança política, Max Weber e Hannah Arendt. Nos aprofundaremos nos pensamentos weberianos de tipos de poder e a presença das emoções no campo político, para compreender como Weber entendia a relação carismática entre líderes e seus servos, e qual o papel das emoções nessas relações. Os pensamentos de Hannah Arendt sobre as lideranças totalitárias serão utilizados para entendermos como a figura de um líder se comporta em movimentos que o próprio líder representa mais que a pessoa em si, sendo a personificação da ideologia, além de falarmos de como as emoções se fazem presentes nesses contextos. As emoções serão um elemento recorrente, pois tanto em Weber e Arendt quanto em Duna, elas são muito importantes para compreender as ações humanas e das massas no meio político e social. Além desses autores, também serão utilizados entrevistas e textos de Frank Herbert sobre suas opiniões acerca dos temas que ele inseriu em Duna, e trabalhos de alguns outros pesquisadores sobre como determinados temas podem ser encontrados no livro.

A estrutura deste trabalho será dividida em duas partes: A primeira será voltada para criarmos a base teórica dos conceitos que iremos interligar com Duna, e ela será dividida em dois subtópicos voltados para cada um dos autores, Max Weber e Hannah Arendt. A segunda parte será voltada para a análise de Duna, dividida em dois subtópicos para, primeiramente, compreendermos as inspirações e bases que Frank Herbert utilizou para escrever seu livro, além de sua opinião sobre os temas tratados, e por fim, no segundo subtópico, realizaremos o estudo de como os temas trabalhados até então neste trabalho vão se encaixando na narrativa de Duna, encontrando semelhanças e diferenças entre os pensamentos de Herbert, Weber e Arendt.

2. PODER, LIDERANÇA E CARISMA, SEGUNDO MAX WEBER E HANNAH ARENDT

Para se iniciar o debate sobre a presença e uso dos conceitos de liderança, poder e carisma na obra de Frank Herbert, é necessário primeiro entender o debate e conceitualização no campo teórico e nos estudos de Max Weber e Hannah Arendt. Para tal intuito, primeiramente abordaremos o entendimento de Weber sobre poder e liderança, especificando os passos que Weber toma para a consideração sociológica do problema do poder, especificamente, do funcionamento do poder em contextos políticos e institucionais. O pensamento Weberiano retoma, como veremos adiante, preocupações particularmente modernas na teoria do Estado, ao mesmo tempo que destaca uma dimensão social do exercício e efetivação do poder através de diferentes tipos de liderança.

Descrever a influência que Weber exerce no campo da teoria política se demonstra extremamente difícil, contudo talvez poucas pessoas tenham sido capazes de sintetizar, e também criticar, a compreensão Weberiana de poder de

forma tão incisiva e completa quanto Hannah Arendt. Abordaremos a compreensão de Arendt sobre o problema das lideranças carismáticas e do exercício do poder como uma forma de colocar luz sobre elementos críticos da teoria de Weber, particularmente no que tange os elementos problemáticos e autoritários do exercício do poder. Contrastar Weber e Arendt nos permitirá encontrar pontos de contato e uma perspectiva conceitual robusta para avaliar as características que um líder deve possuir, as ações que essa figura deve realizar para garantir sua legitimidade, e a presença de emoções na política - nosso enfoque terá particular preocupação com o problema do carisma e da liderança carismática, já que essa dimensão do uso do poder é importante para posterior análise do uso da ideia de liderança carismática na obra *Duna* de Frank Herbert.

2.1 Max Weber: A figura do líder carismático e os tipos de liderança

Max Weber elabora em seu ensaio “Três Tipos Puros de Poder Legítimo” (WEBER, 2005) como se configuram os tipos de poder, como eles vão agir na dimensão social, como irão adquirir legitimidade e como podem se perpetuar. Para esse estudo, o enfoque será dado especialmente ao poder e liderança carismática para a eventual análise da obra de Frank Herbert e, para aprofundar o entendimento sobre esse tipo de liderança, também será abordado e analisado o papel das emoções na política segundo a visão de Weber como uma figura racionalista - algo que será de extrema importância para as futuras compreensões sobre como *Duna* retrata suas lideranças. Primeiro, precisamos entender qual o conceito de poder, o elemento central da liderança, e como quem o possui adquire legitimidade, para então conseguirmos compreender como se configuram os tipos de liderança weberianos.

O poder pode ser definido como a obediência a uma determinada ordem, possuindo diferentes formas de ser acatado por aqueles que obedecem (WEBER, 2005, p. 1). Max Weber, em seu ensaio publicado postumamente, descreve os três motivos que levam a acatar a obediência e que definem os três tipos de poder, também fundamentando a legitimidade de cada tipo de dominação. O primeiro motivo é o interesse, definido como considerações racionais acerca das vantagens e desvantagens que a pessoa que obedece vai perceber ao decidir se acata ou não determinada liderança. O costume, ou tradição, também serve como motivo de acatamento, e pode ser entendido pelo ato de simplesmente manter o hábito de seguir uma ação familiar. Como último motivo de acatamento, há o carisma do líder, onde a obediência ocorre e se justifica puramente por uma tendência afetiva e identificatória da parte que obedece para com a que lidera (WEBER, 2005, p. 1). É importante perceber que cada um desses motivos vai garantir algum tipo de legitimidade para a estrutura de poder que ele constitui.

Considerando esses três motivos como razões que garantem a legitimidade do governante, Weber apresenta os tipos de poder puro que podem ser configurados e eles estarão divididos em suas próprias estruturas organizacionais. Os três tipos de poder segundo Max Weber são: O poder legal, o poder tradicional e o poder carismático.

Primeiramente, o poder legal se baseia na elaboração de um estatuto formalmente correto que permita criar qualquer direito ou alterar algum já existente. Nesse contexto, o poder vai ser atribuído através de escolha ou imposição, mas não será a pessoa que vai ser obedecida, e sim a regra. O estatuto é que define quem e por quanto tempo deve-se obedecer, e concede a legitimidade ao governante, além

do líder também obedecer nesse caso, já que ele deve atuar e comandar dentro dos limites estabelecidos pelo estatuto constitutivo. A obrigação de obedecer é gradual numa hierarquia de ofícios com os inferiores se submetendo aos superiores (WEBER, 2005, p. 3). Nesse tipo de poder, pode-se incluir como exemplos de organizações, o atual Estado moderno e as empresas capitalistas privadas.

Segundo, em uma relação de poder tradicional, não haverá um estatuto a ser seguido como no poder legal, o que define a quem deve obedecer é a força da santidade e da dignidade própria resguardada pela tradição. O líder será obedecido por causa de sua posição dentro da tradição e não por regras e leis. O tipo mais puro³ é o poder patriarcal, onde quem manda é o senhor e quem obedece são os súditos. O poder do senhor vai possuir duas formas de legitimidade: uma parte é garantida pela santidade da tradição familiar e outra parte pelo livre arbítrio em que ele governa pelo agrado, afeição e aversão dos súditos, os favores pessoais entram aqui (WEBER, 2005, p. 5). Quanto à autoridade do líder, ela possui um limite traçado pela tradição, onde ele tem uma liberdade limitada e que o impede de violar as normas tradicionais, senão corre o risco de perder a sua legitimidade. Diferentemente do poder legal, não vai haver uma estrutura burocrática de comando e a legitimidade vai ser garantida pela vontade do líder. Haverão outros tipos de poder exclusivamente com base na tradição - quaisquer tipos de poder que reivindicam com sucesso uma autoridade legítima -, porém nem sempre a autoridade com base na tradição é apresentada de forma clara.

Diferente dos outros dois tipos, no conceito do poder carismático Weber afirma que a obediência se baseia na dedicação puramente afetiva, emocional e pessoal à figura do líder, bem como seus dons e capacidades especiais (carisma). Em outras palavras, o que confere ao líder carismático o poder são as suas qualidades pessoais e não uma posição em uma organização ou tradição. Nesse contexto, há a forte presença de questões religiosas, como revelações de alguma vontade maior ou divina, ou um forte senso de heroísmo, por isso os tipos mais puros de poder carismático vão ser os profetas, os heróis guerreiros e os grandes demagogos. A figura religiosa e os demagogos vão ser uma fonte de grande interesse para Weber para o debate dos líderes carismáticos e a presença das emoções, mas isso será comentado em parágrafos seguintes.

Quanto à legitimidade e durabilidade do líder carismático, elas são garantidas mediante constante demonstração de seus dons e caso este venha a ser “abandonado” pelo seu deus, ou despojado da sua da força heroica e da fé das massas na sua qualidade de chefia, o seu poder dissolve-se (WEBER, 2005, p. 9). Além dessa constante demonstração, os dois elementos obrigatórios para a legitimação do poder serão a fé e o reconhecimento dos seguidores. Diferentemente dos poderes tradicional e legal, no poder carismático as regras e normas jurídicas vão nascer das decisões e da espontaneidade do líder e de suas revelações, ou até nas palavras daqueles ditos sábios pelo líder, o que pode ser visto como irracional. Será pelas palavras de um profeta ou pela espada de um herói, que nascerão os critérios para as decisões tomadas pelos líderes.

Como o poder carismático consiste em uma relação social inabitual⁴, baseada na conexão pessoal entre líder e seguidor, caso haja o afastamento ou desaparecimento do líder, esta relação social tende a se estabilizar. Mas caso haja a transmissão do poder, haja sucessores ou o domínio ainda se mantenha, ocorre

³ O poder em sua essência, em sua forma bruta.

⁴ Uma relação essencialmente caracterizada pelo caráter excepcional e fora do padrão, sendo algo pessoal e desligado de qualquer tradição.

uma banalização do poder, o que o faz perder o caráter excepcional característico. Isso ocorre mediante alguns fenômenos: A tradicionalização dos ordenamentos em quaisquer esferas, onde as decisões espontâneas do líder carismático ou de seu corpo administrativo dão lugar a costumes e precedentes baseados em antigas decisões do líder; a transição de um corpo administrativo de discípulos e seguidores para um corpo legal; e remodelação do sentido de carisma pelo grupo de seguidores. Este último pode ocorrer de algumas maneiras: Pela espera do surgimento de um novo líder carismático; pela demanda de características que qualificam alguém como carismático⁵; pela previsão de algum oráculo, sorte ou técnica de previsão; por designação, seja esta feita pelo próprio líder ou pelos seus discípulos carismaticamente qualificados e órfãos de uma figura carismática, reconhecidos pela fé, pela banalização do carisma e a reinterpretação do princípio da legitimidade de maneira anti-autoritária⁶.

Esse tipo de liderança fascinou Weber através da figura dos demagogos modernos já que isso se mostrou muito importante para seus pensamentos sobre a redemocratização alemã depois da Primeira Guerra Mundial (HEINS, 2007, p. 718), pois estas figuras estimularam as chamadas emoções irracionais de uma população suscetível aos problemas da guerra (HEINS, 2007, p. 720). Porém o que inspirou Weber na concepção de sua lógica de demagogia e os protótipos dos políticos demagogos dotados de carisma foram as figuras dos profetas hebraicos e sua força carismática - na última parte deste trabalho, quando aprofundarmos como as reflexões de Weber sobre autoridade podem ser identificadas dentro de Duna, esse ponto será particularmente importante. Vale ressaltar, como Heins (2007) aponta, que Weber não apresentava demagogia de maneira pejorativa, e sim como uma maneira de liderança ou influência política que canaliza e direciona as emoções das massas para algum objetivo político. Estas figuras impressionaram ele por sua força emocional e carismática prodigiosa, pois eles conseguiam combinar uma profunda paixão e um carisma pessoal com uma visão racional e coerente do mundo (HEINS, 2007, P. 719). Em outras palavras, conseguiam explicar de maneira clara e compreensível, eventos políticos e sociais para os seus ouvintes. A pesquisa de Weber sobre os profetas o ajuda a elaborar uma categoria de "emoções éticas" mais complexas, que são despertadas sempre que as massas são confrontadas com ações que percebem que estejam violando ou promovendo o ideal moral do mundo.

Esse interesse pelos profetas antigos e demagogos se demonstra intrínseco com o papel das emoções na política e como são importantes para a figura do líder carismático como visto antes na definição de poder carismático. O líder carismático tem o dom de utilizar o carisma como uma força que influencia eventos políticos tanto através da razão quanto pela emoção. Ele utiliza de emoções como raiva, entusiasmo e indignação das massas para impulsionar movimentos e ações que estejam dentro de seus objetivos, A própria demagogia de Weber exemplifica o papel das emoções para um líder carismático.

Contudo, Weber, em um primeiro momento, se mostrou profundamente hostil à presença de emoções na política, pregando um domínio da razão acima das emoções. Como Heins (2007, p. 716) introduz em seu estudo sobre a relação de

⁵ Weber exemplifica com a questão do Dalai Lama e como há a transição de um caráter puramente pessoal e incomum na figura do líder, para uma qualidade determinada por regras (Weber, 2005, p. 13)

⁶ Como o reconhecimento dos seguidores é obrigatório para a legitimidade do líder, pode-se reinterpretar isso e colocar o reconhecimento livre dos seguidores como base da legitimidade, uma legitimidade democrática.

Weber e Arendt com as emoções na política, os pensamentos de Weber sobre o papel da razão no controle das emoções na vida política e as distinções entre os tipos de ação movidas racionalmente e emocionalmente, garantiram uma visão de que as ações movidas pelas emoções são uma anomalia, um fator residual ou disruptivo nos processos bem-sucedidos de racionalização. Para esse primeiro momento, Weber apresenta as ações movidas pelas emoções como reações e impulsos e aponta que, para o campo político, elas devem ser feitas de maneira fria e calma através da racionalidade, enquanto emoções devem ser deixadas de lado, pois se a política for conduzida por massas desorganizadas, mais irracional, emocionada e limitada ela se torna (HEINS, 2007, p. 717). Até para o campo democrático Weber diz que é necessário haver essa separação, pois uma política democrática é racional.

Weber perceives the paradox that a “democracy of the streets” is no democracy at all because it merely intensifies the influence of political speculators, putschists and “chance demagogues” of all stripes without contributing to the creation of rational organizations of any kind.⁷ (HEINS, 2007, p. 717).

As conexões entre as suposições de Weber sobre massas, emoção e democracia surgem do pensamento dele de que há um mecanismo que controla as emoções populares, uma metáfora para a pressão popular - relação das massas das cidades grandes e emoções coletivas como categorias de pensamento político. Entretanto, segundo Heins (2007), a teoria política de Weber deve ser vista como uma teoria das emoções incompleta. O cerne dela é a ideia de que as emoções surgem de um interior pessoal e quando agitadas só podem ser controladas pela razão. Weber muitas vezes traçou várias linhas entre os tipos de emoções, desprezíveis e paixões nobres, ou também entre emoções como raiva e felicidade, e mecanismos primitivos de defesa herdados dos nossos ancestrais animais. Isso demonstra que ele não consegue eleger critérios claros para elencar qual a utilidade das emoções e o que são paixões valiosas (HEINS, 2007, p. 717). Essa distinção, entretanto, ele considera útil para a política.

Nessa mesma discussão, Weber vai afirmar que valores coletivos podem canalizar comportamentos afetivos, gerando sentimentos como honra. Seu conceito de paixões e sentimentos valiosos está intimamente ligado à sua concepção de honra. A honra aqui deve ser entendida como a expressão de uma diversidade de valores que dão forma a vida social e política em diferentes contextos históricos e sociais, influenciando as atitudes das pessoas, como se identificam e como são reconhecidas em sua sociedade. Porém, ela nunca foi um objeto específico de estudo para ele, sendo trabalhado ao longo de várias de suas obras, especialmente quando se trata de vocações políticas. Junto da honra, a dignidade será um elemento que forma o que Carla Costa Teixeira (1999) chama de honra moderna. Weber apresenta alguns tipos de honra, como a honra nacional e a honra estamental, mas a honra moderna é a que melhor se encaixa nesse trabalho. A honra moderna será diferente do culto à personalidade, ela irá exigir o reconhecimento e pertencimento em contextos específicos, onde a atribuição à uma pessoa se deve ao sucesso em afirmar seus valores e os do seu grupo, e estará

⁷ Tradução própria: Weber percebe o paradoxo de que uma 'democracia das ruas' não é democracia de fato, pois apenas intensifica a influência de especuladores políticos, golpistas e 'demagogos ocasionais' de todos os tipos, sem contribuir para a criação de organizações racionais de qualquer tipo.

ligada a ética da responsabilidade (TEIXEIRA, 1999, p. 118). A ética da responsabilidade exige que o líder político esteja ciente e pondere o peso das consequências de suas ações e seus princípios no contexto social e histórico em que ele está inserido, sabendo que deve responder a elas.

Weber vai dizer, porém, que apenas certos setores da população são vulneráveis a serem “infectados” por emoções capazes de gerar uma coletividade, e eles serão influenciados por condições culturais e climáticas específicas de cada local, se conectando com a lógica de honra weberiana citada anteriormente. Esses grupos são encontrados nas cidades modernas.

A partir de 1917, em um cenário de final da Primeira Guerra Mundial na Alemanha, Weber vai modificar seu pensamento antagônico à presença de emoções na política e apresentar um primeiro pensamento positivo na conexão entre democracia e emoções coletivas. Essa articulação tardia da sociologia Weberiana das emoções e da autoridade será o foco da nossa análise no que segue.

Heins (2007) argumenta que a demagogia e a democracia andam lado a lado (a demagogia vai ser vista até como necessária), e ambas vão ser desejáveis para Weber. Porém, se ambas andam juntas, não pode haver democracia ao estilo ocidental sem uma emocionalidade pública específica (HEINS, 2007, p. 722). A partir dessa transição do pensamento de Weber, há uma suavização da visão racionalista de separação das emoções da razão e as emoções ganham um lugar na política. As massas agora não podem mais serem suavizadas apenas pelo aparato burocrático, já que elas não se veem mais como objetos puramente passivos de administração (HEINS, 2007, p. 722). A sugestão de Weber é de que em vez de suprimir as emoções coletivas, elas devem ser geridas e canalizadas através de grupos apaixonados, sugerindo que haja um pluralismo de grupos movidos por diferentes emoções.

Podemos ver que Weber passou por uma transição de uma visão fortemente racionalista para uma visão menos intensa dessa linha de pensamento em seus últimos anos de vida. A transição de uma visão rígida sobre as emoções e que seu lugar seria afastado do meio político para uma visão que compreende o papel delas e como devem ser regidas, demonstra como as experiências vividas por ele durante o final da Primeira Guerra Mundial e seus efeitos na sociedade alemã afetaram sua visão sobre as emoções. Posteriormente, Hannah Arendt aprofundaria o estudo de lideranças, a partir de um contexto totalmente novo gerado pelas experiências vividas na Alemanha Nazista, além de criticar e se distanciar dos ideais weberianos, especialmente a lógica carismática mas concordando com o equilíbrio das emoções.

2.2 Hannah Arendt: Massas, líderes e emoções no totalitarismo

Para iniciar o entendimento dos pensamentos de Hannah Arendt, buscaremos entender suas semelhanças e críticas ao trabalho de Weber analisado anteriormente para posteriormente entender a sua visão de liderança e emoções. Sobre Weber, a Arendt buscou expandir o foco do seu estudo sobre líderes e se afastar da lógica carismática dele, tentando ser mais aprofundada e sociologicamente heterogênea (BAEHR, 2017, p. 226). Utilizando figuras de sua época como Hitler e Stalin, ela buscou apresentar uma nova perspectiva da liderança, a liderança totalitária, diferenciando-se do conceito weberiano e delimitando muito bem os dois casos. Ela porém compartilha alguns elementos com o pensamento de Weber que serão importantes para o debate acerca de emoções e como esses líderes se portam.

Ao analisar os líderes totalitários na teoria da Arendt, eles estarão intrinsecamente conectados com as massas, agindo como um agente e uma personificação delas, um mecanismo que as movimenta. Arendt apresenta as massas como possuindo duas formas complementares: As massas sendo compostas por indivíduos que estão no limiar das classes sociais e dos partidos políticos, não estando filiados a alguma organização, sendo inexperientes politicamente e sem convicções; e as massas como um produto de um contexto específico, sendo uma derivação de uma camada social que perdeu sua identidade social e sua base emocional como resultado de uma deslocação política, geopolítica e econômica abrupta - uma das maneiras que essa segunda forma se manifestou foi como consequência da Primeira Guerra Mundial. No contexto europeu, os efeitos da guerra e da depressão de 1929, como o sentimento de derrota e as revoluções serviram como base para o surgimento das massas nesse sentido de um contexto específico, sendo predominante na Europa central e ocidental. Como dito por Baehr (2017, p. 223), esse estado de calamidade esmagou o sistema de classes, gerando massas formadas por desempregados, pequenos empresários e antigos membros de uma classe média para alta recheados de sentimentos de raiva, traição, amargura e aversão aos partidos que mantinham o status quo e diziam representar-los. Como principais exemplos de mobilização dessas massas temos os acontecimentos na Alemanha, onde Hitler e o partido nazista se aproveitaram da crise no país para mobilizá-las e utilizá-las como base da ditadura nazista e do regime totalitário, e a União Soviética que, diferente da Alemanha, criou essa mobilização através de uma política deliberada ordenada por Stalin, com o foco em eliminar qualquer grupo que estivesse fora do controle do estado. Um movimento criado pelo estado totalitário, e não um movimento totalitário que organizou massas como na Alemanha (BAEHR, 2017, p. 223).

Nesses dois casos, podemos ver duas figuras de líderes que tiveram origem em uma mesma marginalidade e na sombra da sociedade, esse fator de fracasso na vida foi de severa importância para crescimento no poder no caso de Hitler, onde ele conseguiu unir e moldar um partido formado por pessoas dessa mesma origem, e no caso de Stalin, ele já estava acostumado a essa situação de andar nas margens da sociedade e ser uma engrenagem da máquina soviética. Essas condições os permitiram ganhar um forte apelo de liderança como figuras que estariam dispostas a tudo pela causa.

As ambições desses líderes estavam voltadas para uma dominação global do movimento a qual eles representavam, o ideal eugenista de Hitler e o sonho soviético de Stalin. Para isso, o próprio estado e sua população diversas vezes eram colocados à risca, as economias se tornavam disfuncionais e casos como os expurgos se tornaram recorrentes, conforme as ideologias minaram a racionalidade (BAEHR, 2017, p. 224). O objetivo deles era conseguir um tipo de dominação que penetrasse o íntimo da pessoa através do terror, gerado deliberadamente, e da ideologia⁸. Pois isso permitiria que a principal característica de um movimento totalitário se mantivesse firme, a instabilidade que permite o avanço do movimento.

Além de contrariar os pensamentos da época sobre as ambições dos líderes, como explicado antes, ela buscou contrariar e expandir o pensamento de Weber e seu conceito carismático, especialmente na figura de Hitler. Para ela era detestável comparar Hitler ao conceito weberiano pois essa abordagem não apenas carregava tons de apologética, como se o carisma de Hitler pudesse explicar a credulidade de

⁸ Essa penetração fazia parte da criação de um senso de identidade ideológica nas massas que as convertessem em dependentes da ideologia e do movimento em si.

seus seguidores, mas também distorcia uma análise mais precisa sobre a natureza do círculo íntimo de Hitler (BAEHR, 2017, p. 227). Arendt vai reconhecer as habilidades de oratória com as massas de Hitler e a capacidade de Stalin de vencer Trotsky, que foi um grande orador da Revolução Russa.

Porém, o que ela apresenta como motivo da fascinação pela personalidade de uma figura como Hitler, não é algo como uma característica extraordinária no modelo carismático weberiano, mas algo mais mundano, as propensões das massas para os seus discursos (BAEHR, 2017, p. 228). A clareza e firmeza de Hitler se destacava entre o seu círculo íntimo formado por pessoas com senso crítico nulo, abalado pelo caos dos anos entre guerras, e como Arendt aponta, “extraordinary self-confidence and displays of self-confidence therefore inspire confidence in others; pretensions of genius waken the conviction in others that they are indeed dealing with a genius”. (ARENDR, 2005, p. 323)⁹.

Dentre algumas divergências entre os pensamentos de Arendt e Weber, ela argumenta que líderes totalitários baseiam sua credibilidade na organização que lideram, diferente dos líderes weberianos, na qual o seu status de profeta e líder vem de qualidades únicas de salvadores. A organização vai conferir poder e isenção ao líder totalitário enquanto ela estiver intacta. Os dons desse tipo de liderança vão além de dons místicos ou heróicos, são muito mais como um dom lógico de uma visão de mundo coerente. A legitimidade nessa teoria não será igual a de Weber, o que vai importar para o totalitarismo será a construção de narrativas.

Totalitarian rulers are not exceptional individuals who announce a new message to the world and who emotionally transform those whose lives they touch. On the contrary, nothing “is more characteristic of totalitarian movements in general and of the quality of the fame of their leaders in particular than the startling swiftness with which they are forgotten and the startling ease with which they can be replaced”. (BAEHR, 2017, p. 229)¹⁰.

A falta de uma rotinização, elemento presente na teoria de Weber, é outra diferença apresentada por Arendt, ou seja, não ocorre a transmissão do aspecto carismático para instituições duradouras como a realeza. Isso se deve ao fato de que isso iria contra a natureza radicalmente dinâmica do líder totalitário.

Acerca das qualidades dos líderes totalitários, novamente citando o papel da oratória, Arendt ressalta que ele será muito importante para liderança totalitária e que possui duas funções: Construir uma ficção, como a conspiração mundial judaica e o plano do Trotsky, que permita se estabelecer pontos de referenciais ideológicos; e confundir o mundo não totalitário em pensar que os líderes totalitários são demagogos puros e simples, subestimando assim dramaticamente a sua novidade ameaçadora (BAEHR, 2017, p. 232). Isso se encaixa em outra característica forte dos líderes totalitários, o oportunismo. No caso de Hitler e Stalin, ambos são profissionais em mentir, espalhar teorias conspiratórias e são capazes de unir as massas em uma coletividade baseada em seus ideais.

⁹ Tradução própria: A autoconfiança extraordinária e as demonstrações de autoconfiança, portanto, inspiram confiança nos outros; as pretensões de genialidade despertam nos outros a convicção de que estão, de fato, lidando com um gênio.

¹⁰ Tradução própria: Governantes totalitários não são indivíduos excepcionais que anunciam uma nova mensagem ao mundo e que transformam emocionalmente aqueles cujas vidas tocam. Pelo contrário, nada é mais característico dos movimentos totalitários em geral e da qualidade da fama de seus líderes em particular do que a rapidez surpreendente com que eles são esquecidos e a facilidade impressionante com que podem ser substituídos.

Outra qualidade, segundo Arendt, é capacidade de adivinhar o curso da história que se baseia na crença de que um líder totalitário é isento de erros. Eles utilizam de uma "linguagem de cientificidade profética" que atende às massas desorientadas que perderam tudo, prometendo integrá-las em forças eternas que as conduzirão à segurança (BAEHR, 2017, p. 233). Os líderes totalitários sabem muito bem que a realidade pode ser fabricada e moldada para atingir seus objetivos, acreditando que um fato é um episódio que pode ser moldado à força para que se torne um fato.

Entretanto, dentre todas essas qualidades e habilidades que Arendt levanta sobre os líderes totalitários e as diferenças com Weber, a mais importante de todas é a já citada conexão com as massas, mais precisamente a sua capacidade de ser o mecanismo de movimento das massas. O líder é o responsável por iniciar e garantir o andamento do movimento a qualquer preço, sem que perca força. O totalitarismo em si é o movimento que ele utiliza. Existem muitos mecanismos para explicar esse papel do líder, mas Baehr em seu texto (2017) vai listar os quatro mais utilizados no totalitarismo europeu: Os expurgos, constantemente praticados por Stalin que visavam garantir e assegurar uma instabilidade permanente, e a contraparte nazista, a "seleção racial" onde há uma constante radicalização dos padrões de seleção, e consequentemente, o extermínio dos enquadrados nesses padrões; o aumento de instituições, que estabelece uma competição interna permitindo o constante movimento; a atribuição de inimidade, acompanhada de um conceito judicial, que rompe com todos os parâmetros normais do direito positivo, como polícias secretas; por fim, o pioneirismo ideológico, ou seja, a capacidade de radicalizar ideologias que até então tinham seus poderes subestimados. Todos esses mecanismos são voltados para manter a base do totalitarismo funcionando ininterruptamente.

A última discussão levantada por Arendt, conforme discutida por Baehr (2017), é a dispensabilidade ou não dos líderes totalitários enquanto indivíduos. Ela divide a carreira dos líderes em duas fases, uma antes de possuir o poder total e outra em que estão profundamente inseridos no centro dos seus movimentos. Na primeira fase, a posição do líder depende da sua habilidade de contornar intrigas entre membros e sua habilidade de gerenciamento de pessoal estarem em constante uso. Sua ascensão deve-se inteiramente a essas habilidades acima de quaisquer qualidades demagógicas ou burocráticas (BAEHR, 2017). Já na segunda fase, o líder é imprescindível para seu movimento, como a figura central dele, e sem ele toda a estrutura perderia sua razão de ser. Contudo, essa indispensabilidade não se deve à sua pessoa, mas à função que ocupa. O círculo íntimo do líder vai entender que qualquer plano contra ele seria equivalente a um suicídio coletivo do movimento, devido à natureza instável dos regimes totalitários. A remoção do líder seria como pôr um fim a ficção que sustenta os regimes e legitima seu poder, tal ruptura colocaria um holofote sobre a fragilidade do sistema ao chocar-lo com a realidade, consequentemente quebrando a crença da infalibilidade do líder e condenando o próprio movimento.

Como podemos perceber ao longo de toda essa análise da teoria de Arendt feita por Baehr (2017), os líderes utilizam muito do sentimento das massas como motor dos movimentos, inclusive com eles mesmos sendo a personificação dessas emoções como a raiva dos alemães no entre guerras. Quando abordamos os pensamentos de Arendt acerca dos sentimentos das massas e as emoções no meio político precisamos entender que ela apresenta alguns pontos de contato e diferenças com a visão de Weber. Ambos são profundamente defensores da distinção entre razão e emoção, se preocupam com a presença da emoção no

campo político, porém o que vai diferenciar Arendt e Weber será o desinteresse dela pelo social (HEINS, 2007, p. 723). Arendt foca mais seu estudo nos ideais - como grandeza, honra e dignidade -, argumentando que a política deve ter “ideais” como orientação e não “sentimentos”. Essa discussão pode ser encontrada na obra de Herbert, no personagem do Duque Leto Atreides, onde o seu modelo de liderança se encontra totalmente voltado para um ideal de honra e justiça.

Arendt era uma ferrenha defensora da ideia de que uma política democrática deveria ser desvinculada das emoções, voltada a ideais como honra e dignidade “mesmo que pareçam frias ou abstratas” (ARENDR, 1963). Heins (2007) cita o exemplo apresentado por Arendt da piedade, onde ela argumenta que essa emoção corrompe a solidariedade genuína e a compaixão interpessoal, a fomentar o fanatismo que leva a regimes totalitários. Ela distingue piedade da compaixão: a piedade é fabricada deliberadamente pelo discurso e imaginário público, utilizando-se do sofrimento de um grande número de pessoas, enquanto a compaixão é algo individual que surge naturalmente no encontro direto entre pessoas dispostas a ajudar e aquelas necessitadas (HEINS, 2007, p. 723). A Revolução Francesa marca, segundo Arendt, a corrupção da compaixão para a piedade, quando os revolucionários franceses se utilizaram dos sofrimentos das massas e o surgimento das emoções modernas.

Essa transformação, segundo Arendt, gerou emoções coletivas massivas, que não pararam de se expandir, ao ponto de ultrapassar a capacidade política de agir (HEINS, 2007, p. 724). Essas mesmas emoções, alimentadas pelos revolucionários, não só não conseguem resolver os problemas reais como também são responsáveis pelo surgimento de patologias políticas. Podemos ligar isso com o que falamos sobre o uso das emoções pelos líderes totalitários e seu relacionamento com as massas, especialmente no caso de Hitler, onde as fortes emoções de raiva, traição e descontentamento do povo alemão com o governo e a crise de 1929 foram sistematicamente inflamadas e utilizadas pelo partido nazista.

Uma reflexão de Arendt que podemos dialogar com o pensamento de Weber é no que se refere a compreensão das emoções no meio público. Ela afirma que cada coração possui suas próprias razões, algo que a razão pública nunca entenderá. O meio público é incapaz de compreender totalmente os verdadeiros sentimentos do orador, já que a linguagem é algo simbólico e subjetivo, algo que pode ter múltiplas interpretações. Como Weber apontou ao falar sobre os profetas hebreus, o próprio ato de falar não é capaz de compreender por completo todas as camadas do coração humano (HEINS, 2007, p. 724). Um exemplo está na hipocrisia, levantada por Arendt, quando os revolucionários franceses demonstraram sua piedade para com as massas, onde demonstrar isso a torna suspeita pelo ato da fala. A fala pública deveria criar uma relação direta entre as massas e os governantes, porém esse impedimento, graças a subjetividade da fala, vai facilitar que o fanatismo surja como uma emoção política, transformando a desconfiança quanto à sinceridade e intenções entre as massas no catalisador para as perseguições políticas (HEINS, 2007, p. 724).

Contudo, o que vai ser o diferencial dos pensamentos de Arendt para os de Weber será o contexto em que ela escreve, além de ter um foco em uma nova gama de emoções “modernas” que não estavam no glossário do Weber, como culpa, orgulho, vergonha, autopiedade, tristeza, e melancolia, emoções estas que refletem o “outro”. Outro elemento que Heins (2007) levanta nessa diferenciação dos contextos de ambos autores é um medo particular de Arendt, a ausência completa de emoções - oriunda do seu trabalho Eichmann em Jerusalém (1963). A sua

experiência na Alemanha Nazista da Segunda Guerra Mundial a chocou ao perceber em diversas pessoas que ela encontrou, a aparente ausência de emoções quanto ao que estava acontecendo ao seu redor. Ao analisar a Alemanha pós-guerra, ela estabelece uma conexão entre essa falta de emoções e um sentimento de estar fora da realidade entre o povo alemão, onde eles pareciam viver uma espécie de confusão moral, conforme Arendt percebe uma incapacidade deles sentirem culpa e luto (HEINS, 2007, p. 725).

Percebe-se que Arendt, por escrever em um contexto diferente e mais moderno que Weber, desenvolve teorias muito mais abrangentes e heterogêneas sobre todo funcionamento dos líderes e seu relacionamento com as massas, se afastando da lógica mais universalista de Weber. Além de delimitar muito bem os casos, vemos que entendeu que as emoções apresentam perigos quando presentes na política e também quando estão ausentes. A obra *Duna* acaba, seja de propósito ou não, apresentando personagens que possuem tanto traços Weberianos quanto das teorias de Arendt, além de as filosofias que cercam esses personagens também possuem esses traços, inclusive com trechos que veremos a seguir parecendo que foram escritos por ambos os autores.

3. DUNA E A RETRATAÇÃO DE LIDERANÇAS CARISMÁTICAS

Duna, escrito por Frank Herbert e publicado em 1965, é um dos marcos literários no gênero da ficção científica, entretanto o seu conteúdo acabou indo muito além do seu nicho. A obra permitiu os leitores expandirem suas reflexões sobre religião, política, ecologia, filosofia e muito mais através da jornada messiânica de Paul Atreides. Nosso foco, entretanto, será entender como podemos relacionar a abordagem da obra e suas figuras de liderança, especificamente o protagonista Paul Atreides, com os pensamentos de Weber e Arendt analisados anteriormente. Porém para iniciarmos essas reflexões, primeiro precisamos compreender as inspirações e pensamentos do autor de *Duna*, Frank Herbert e também o contexto inteiro da obra.

3.1 Frank Herbert e o messias de Duna

Frank Herbert incorporou suas vivências pessoais e profissionais ao longo de sua carreira como escritor e jornalista, em conjunto a estudos e a exploração de diversos temas para criar sua obra máxima, *Duna*. Os três principais temas encontrados em seu livro são a ecologia, religião e o perigo dos líderes carismáticos, ou como Herbert comumente chamava, super heróis¹¹. Herbert relacionou os três temas dentro do livro, trazendo consigo suas reflexões anteriores sobre eles, especialmente sobre a ecologia e os super heróis, pois ele acreditava que seu conceito de super herói estava intrinsecamente ligado a sua preocupação quanto ao fato de a ecologia ser o próximo discurso tomado pelos demagogos na época (HERBERT, 1987, p. 99).

Toda sua obra foi inicialmente planejada para debater as convulsões messiânicas que nos afetam em ciclos, seja como demagogos, fanáticos ou espectadores. Herbert acreditava que nada era mais desastroso para a humanidade do que uma figura demagógica, ou heróica, e que uma hora ou outra, indivíduos falíveis assumem a estrutura estabelecida pelo líder, argumentando que a entrega

¹¹ O exemplo que Herbert fornece de figura dentro dessa terminologia é a figura de John F. Kennedy e apresenta ela como uma figura que assumiu o mito para si e possuiu uma imagem acima dos indivíduos comuns, não sendo considerado um indivíduo falível.

da capacidade de julgamento e tomada de decisão a um “super herói” é o melhor método de extinguir uma civilização (HERBERT, 1987, p. 97). Ele acreditava que as pessoas possuem a tendência de abdicar dessas capacidades em detrimento do mito fabricado pelo líder, como no caso de Hitler. Sua descrença no ideal de infalibilidade e visão dos líderes carismáticos era um dos temas do livro e ele alertava sobre os defeitos dessas figuras:

Don't give over all of your critical faculties to people in power, no matter how admirable those people may appear. Beneath the hero's facade, you will find a human being who makes human mistakes. Enormous problems arise when human mistakes are made on the grand scale available to a superhero. (HERBERT, 1987, p. 98).¹²

Muitas das ideias de Arendt sobre líderes totalitários podem ser vistas nessas reflexões de Herbert, especialmente sobre a infalibilidade do líder. A crença nessa característica é um dos elementos que mantêm o poder do líder totalitário de Arendt e Herbert demonstra compartilhar desse pensamento ao afirmar o perigo que é render-se a essa imagem de mito infalível vendida pelos líderes. Outra ligação que podemos fazer entre Arendt e Herbert é como ele ressalta o papel da linguagem no poder. Para Herbert (1987, p. 100), poder e todas suas variações são uma armadilha e as palavras são o que conduzem ele. Arendt afirma e reconhece o papel da oratória e do discurso para o convencimento das massas e a efetivação do poder sobre elas.

Para afirmar seu ponto, Herbert nega ceder explicações mais profundas de muitos temas e interpretações de Duna pois ele não quer que seus leitores busquem a ele como um meio de encontrar respostas, como uma verdade definitiva. Ele quer que os leitores leiam, reflitam e tirem suas próprias conclusões e respostas. Ele não quer ser um líder (HERBERT, 1987, p. 101).

Outro elemento muito importante que Herbert incluiu tanto no tema ecológico quanto de líderes foi a religião. Para ele, as religiões organizadas possuem toda a estrutura burocrática e a utilidade que as posições de poder trazem consigo, o que permite a elas um poder de atração para as pessoas que buscam nela um método de solução dos seus problemas (HERBERT, 1987, p. 242). Essa capacidade de atração é algo que preocupa Herbert pois, se não tomar certo cuidado, pode-se desenvolver o fanatismo. Ele enxerga muitas similaridades dentro das mais diversas religiões, mas explorando bem no cerne dos, nas palavras de Herbert, “aspectos espirituais da existência humana” há a maior similaridade: a vontade de melhorar como indivíduo. A religião é um recurso poderoso e conveniente, entretanto, ela pode ser perigosa pois possui a tendência de atrair pessoas que desejam, não apenas se sentir superiores aos vizinhos que são descrentes, mas também estar em posição de ascendência (HERBERT, 1987, p. 243). O maior alerta de Herbert quanto a religião é quando ela deixa de ser uma necessidade pessoal do indivíduo e passa a ser um fanatismo, além de ele se preocupar com a presença dela no meio político e isso pode ser encontrado em uma passagem de Duna:

Quando a religião e a política viajam no mesmo carro, os condutores acreditam que nada é capaz de ficar em seu caminho. Seu movimento torna-se impetuoso, cada vez mais rápido. Deixam de pensar nos

¹² Tradução própria: Não entregue todas as suas faculdades críticas às pessoas no poder, não importa o quão admiráveis elas possam parecer. Por trás da fachada de herói, você encontrará um ser humano que comete erros humanos. Problemas enormes surgem quando erros humanos são cometidos na grande escala disponível a um super-herói.

obstáculos e esquecem que o princípio só se mostra ao homem em desabalada carreira quando já é tarde demais. (HERBERT, 2017, p. 489)

Todos esses pensamentos e opiniões de Herbert acabam se enquadrando em muitos aspectos das teorias de Weber e Arendt apresentados anteriormente neste trabalho. Para uma análise mais profunda dessas conexões iremos realizar um mergulho no enredo do primeiro livro, *Duna*, e entender como diversos elementos, tanto de Weber quanto de Arendt, aparecem nos personagens e na história desenvolvida por Herbert.

3.2 Pensadores de *Duna*

Duna conta a história de Paul Atreides, futuramente conhecido como Paul Muad'dib, em sua jornada no planeta desértico, Arrakis. O universo de *Duna* é formado pelo Imperium em um sistema feudalista futurista, abaixo dele se configuram as Casas Maiores, sendo as duas principais, a Casa Atreides, do nosso protagonista e sua família, e os Harkonnen, seus inimigos históricos. No começo da história vemos que Arrakis está sendo transferido para o comando dos Atreides por ordem do Imperador, mas tudo isso não passa de um plano dos Harkonnen e do Imperador para acabar com toda linhagem Atreides. Arrakis é o principal planeta e elemento da história de Herbert pois é nesse planeta que o recurso mais importante do universo se encontra, a especiaria, uma droga capaz de florescer e aumentar as capacidades mentais de quem a ingere, além de estender a longevidade, ela é o que permite todo o funcionamento da Imperium. Além da especiaria, em Arrakis se encontram também os fremen, povo nativo explorado e oprimido, muito crente em sua religião de um profeta que virá e os liderará ao “paraíso verde”.

Durante toda a primeira parte do livro veremos como o Duque Leto Atreides, pai de Paul, encara essa armadilha e enfrenta os dilemas de liderar em um planeta hostil como Arrakis, com a abundante falta de água e os vermes gigantes. Com o decorrer da história veremos a queda da Casa Atreides e a jornada de Paul em meio ao deserto de Arrakis e os fremen o conduzirem em direção a um papel de messias, profeta ou herói, chame como quiser, para os nativos, os guiando contra a opressão do império mas consequentemente gerando um fanatismo religioso em nome de sua pessoa.

Quando estava elaborando a primeira trilogia de *Duna*, um dos objetivos de Herbert era apresentar ao leitor a figura de um herói, envolver o leitor com a sua história e suas qualidades através do processo e depois mostrar as consequências disso (HERBERT, 1987). Tudo isso para demonstrar como um messias poderia ser criado em nossa sociedade, tanto da parte individual quanto da demanda da sociedade. Como dito por Herbert (1987), o indivíduo deve estar ciente do mito em que está inserido já que ele é a criação do seu tempo¹³. Ele busca isso através do protagonista da história, Paul Atreides, em sua jornada que acaba o levando em direção a um destino que o próprio quer evitar graças aos seus dons presentes.

¹³ Esse pensamento aparece dentro de *Duna* na introdução de um capítulo, nas palavras de Paul Atreides, “A grandeza é uma experiência transitória. Nunca é consistente. Depende em parte da imaginação criadora de mitos da humanidade. A pessoa que experimenta a grandeza precisa perceber o mito no qual está inserida. Precisa refletir o que nela é projetado.” (HERBERT, 2017, p. 174)

O objetivo de Paul Atreides é buscar sua vingança e evitar o trágico futuro que a jihad¹⁴ dos fremen, liderado por ele, trará. Os fremen desejam esse futuro profetizado, essa utopia criada pelos mitos fabricados e inseridos na cultura do povo oprimido a milênios pelas Bene Gesserit. Paul, por sua vez, está muito bem ciente da profecia em que está inserido e acha que pode controlá-la para atingir seus objetivos, porém, ele não deseja criar esse futuro, pois sabe das consequências que ele trará, mesmo sabendo que é a exigência de todos ao seu redor. Herbert vê Paul como o herói de uma tragédia grega, em certo sentido, onde sua falha é seu heroísmo. Ele insistiu em seguir o caminho traçado, querendo mudar esse destino, e estava disposto a sacrificar tudo por isso, para aliviar sua consciência, fazendo questão de permanecer humano até o fim (HERBERT, 1987).

Podemos perceber nessa última reflexão um certo sentimento de responsabilidade própria que o Paul sente pelos múltiplos futuros que ele vê e podemos relacionar esse sentimento com a ética da responsabilidade de Weber. Paul sabe a força perigosa que ele está conduzindo e tenta a todo custo fazer o possível para evitar a jihad, sentindo que ele é o único responsável. Entretanto, esse gigante adormecido que são os fremen acaba se mostrando muito maior que o próprio Paul e seus poderes, como aponta Wakefield:

He's powerless to stop his followers believing that he's more special, more godlike, than he really is. He's more a catalyst than a component in the chemical reaction that awakens the "sleeping giant" of the Fremen, who are like an "unconscious single organism." (WAKEFIELD, 2023, p. 202).¹⁵

Os fremen desde o começo são vistos como uma força poderosa pelos Atreides, as massas que podem ser a salvação dos Atreides, e o pai de Paul, Leto, sabe disso. Segundo o personagem Stilgar, "[...] dizem que o duque Leto Atreides governa com o consentimento dos governados." (HERBERT, 2017, p. 130), o que podemos ver que, mesmo que o poder dele venha de uma tradição nos moldes weberianos, o seu carisma, autoconfiança e preocupação com seus governados são o que gera a lealdade dos seus soldados e governados. Leto está muito ciente disso e quando se sente encurralado pela armadilha que caiu ele lembra que "o comandante sempre tem de parecer confiante." (HERBERT, 2017, p. 117). Essa confiança, entretanto, é testada conforme os soldados Atreides se veem com receio perante toda a situação e o ambiente que se encontram, como a mãe de Paul, Jéssica, aponta em determinado momento, "Arrakis é uma incógnita! Caladan era a pátria deles, mas nós os desalojamos. Não tem pátria, e temem que o duque os decepcione." (HERBERT, 2017, p. 206). Essas características de Leto e sua relação com as massas podem ser conectadas com o que Arendt argumenta sobre as massas serem a força legitimadora dos líderes, conforme os líderes são a personificação delas. Uma figura forte e confiante garante a confiança de suas massas.

Essa força carismática de Leto, capaz de fazer seus homens darem suas vidas pela Casa Atreides, é reconhecida por Liet Kynes em determinado momento e ele se preocupa como isso pode ser usado nos fremen:

¹⁴ A jihad é descrita por Paul como a maneira mais antiga, testada e garantida que a raça humana conhece de renovar sua herança genética.

¹⁵ Tradução própria: Ele é incapaz de impedir que seus seguidores acreditem que ele é mais especial, mais divino do que realmente é. Ele é mais um catalisador do que um componente na reação química que desperta o 'gigante adormecido' dos Fremen, que são como um 'organismo único inconsciente'.

Este duque estava mais preocupado com os homens do que com a especiaria. Ele arriscou sua vida e a vida do seu filho para salvar os homens. Deu pouca importância à perda de uma lagarta cheia de especiarias. O risco que os homens correram o deixou furioso. Um líder como esse poderia inspirar uma lealdade fanática. Seria difícil derrotá-lo. (HERBERT, 2017, p. 173)

Leto é um personagem que se encaixa tanto nos conceitos weberianos de poder tradicional quanto nos conceitos de Hannah Arendt. Nos aspectos do pensamento de Arendt, Leto possui um senso de honra dentro dos ideais que ela elege como necessários no lugar das emoções. Algumas atitudes de Leto demonstram isso, como quando ele luta para segurar sua raiva, apreensão, sua busca por prazer em sua concubina, Jéssica, e até mesmo uma saudade de sua terra natal. Ele está ciente dessa distinção, focando mais em passar uma imagem de poder e confiança, além de se manter honrado mesmo em situações em que sua honra possa ser uma desvantagem.

Cabe destacar que Herbert escreve Duna sob uma ótica racionalista, sempre destacando a distinção entre humano e animal, como visto em Weber e Arendt. Todos os personagens compartilham desses ensinamentos, sempre focando seu eu interior em ponderar suas emoções e utilizando a razão para decidir suas ações. Algumas citações que podemos fazer de momentos em que isso acontece no livro temos a já citada reação de Leto perante o estresse, há também o alerta de Jéssica para Paul conforme ele se desespera ao começar a ter suas visões, “Hoje você cedeu ao pânico. Você conhece sua mente...talvez melhor que eu...” (HERBERT, 2017, p. 331). Mas o maior exemplo que podemos analisar em Duna sobre essa separação está na figura das Bene Gesserit, e logo na introdução do livro quando Paul encontra a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam e realiza o teste do Gom Jabbar, “a brutal test of his ability to exert conscious and rational control over instinctual processes.”¹⁶ (FORSYTHE, 2023, p. 229). A autodisciplina é a maior virtude das Bene Gesserit, sempre prezando pela distinção entre “humano” e “animal” e o teste do Gom Jabbar serve para comprovar qual deles o indivíduo é, conforme a Reverenda Madre aponta para Paul, “A human can override any nerve in the body.”¹⁷ (HERBERT, 1990, p. 15), e também ao comparar como um animal e um humano agem quando encurralados, “You’ve heard of animals chewing off a leg to a trap? There’s an animal kind of trick. A human would remain in the trap, endure the pain, feigning death that he might kill the trapper and remove a threat to his kind.”¹⁸ (HERBERT, 1990. p. 13).

No final, acabou que todo o receio quanto a armadilha se provou verdadeiro e a Casa Atreides se vê reduzida aos últimos membros. Kynes, que acabou por trair o imperador e auxiliar os Atreides em sua fuga, acaba sendo deixado sem qualquer equipamento e recurso no meio do longo deserto, habitat dos grandes vermes de areia, para morrer. É nesse momento que um dos diálogos mais importantes acerca de ecologia e líderes ocorre. Devido ao calor e a sede, Kynes começa a delirar e a ter uma conversa imaginária com o fantasma de seu pai, Pardot Kynes, sobre o plano de terraformação de Arrakis. Nessa conversa vemos além dos muitos detalhes ecológicos, como será realizado esse plano, com o principal mecanismo, que o faria

¹⁶ Tradução própria: Um teste brutal de sua capacidade de exercer controle consciente e racional sobre os processos instintivos.

¹⁷ Tradução própria: O homem é capaz de controlar qualquer nervo do seu corpo.

¹⁸ Tradução própria: Você já ouviu falar de animais que roem uma pata para escapar de uma armadilha? É o tipo de truque que um animal usaria. Um humano ficaria preso, lutaria com a dor e fingiria estar morto para matar o caçador e acabar com a ameaça a sua espécie.

funcionar, sendo as massas. Ele explica que, em determinado momento do plano, a força do homem será necessária para o desenvolvimento do projeto e soma-se a ela, a economia e política, como Pardot explica, “As características físicas de um planeta estão escritas em seu registro econômico e político. Temos o registro diante de nós, e o nosso curso é óbvio.” (HERBERT, 2017, p. 358). Será nas massas que vivem em situação de semiescavidão que o plano encontrará a força necessária para seu funcionamento e alguns detalhes serão importantes para garantir esse sucesso: O entendimento das massas sobre qual o objetivo a ser alcançado, que naturalmente se tornará uma crença mística; e a união da religião e a lei em algo único, com o descumprimento da lei se tornando um pecado digno de punição divina, gerando maior obediência e coragem, uma coragem conjunta de toda a população. Seguindo esses passos, ele acredita que o projeto se tornará um fenômeno natural (o que de fato aconteceu na cultura fremen, exemplificado na parte que Stilgar explica de uma maneira mística o depósito de água), porém ele alerta que eles devem controlar apenas uma pequena parte para não atrapalhar o auto sustentamento do projeto. E aqui, a principal mensagem de Herbert aparece nas palavras do pai de Kynes, “Não poderia acontecer um desastre mais terrível para sua gente do que cair nas mãos de um Herói.” (HERBERT, 2017, p. 360). Vemos então que o maior receio dele se tornou realidade para seu povo, Paul chegou e tomou para si a religião e o plano de terraformação, os utilizando para atingir seus objetivos políticos e evitar o destino que ele teme, mesmo que isso seja o que o leve até ele.

Conseguimos observar, nessa passagem do livro, como as massas se tornam o motor essencial de um movimento para alcançar um objetivo maior, alinhando-se aos pensamentos de Arendt sobre o papel das massas, adaptando-se às formas descritas por Arendt. Aqui há uma diferença notável no papel do líder, Paul, ele não surge de um contexto semelhante ao das massas, mas sim, de uma posição hierarquicamente acima. Ainda assim, em sua busca por conquistar a confiança e o apoio dos fremen, Paul mergulha nos meandros da cultura e da religião dessas massas. Ele aprende seus costumes, valores e crenças, ao mesmo tempo em que se molda ao mito, transformando-se tanto em um símbolo quanto em um agente.

A religião é a principal ferramenta que Paul utiliza para conseguir o apoio dos fremen. A profecia da Lisan Al Gaib, a voz do mundo exterior, é algo que foi fabricada e espalhada deliberadamente entre os fremen pelas Bene Gesserit, milênios antes da história que acompanhamos, que fala de um estrangeiro que virá e guiará os fremen contra a opressão dos governantes de Arrakis, os guiando ao “paraíso verde”, a ideia plantada por Pardot Kynes e Liet Kynes.

Desde a chegada em Arrakis, Paul e Jéssica, uma Bene Gesserit, já veem indícios da semente plantada pelas Bene Gesserit na religião fremen sobre sua vinda, como pequenos detalhes que ambos percebem em suas interações com os nativos, seja Leto e Paul vendo as pessoas chamarem Paul de “Lisan Al Gaib” pelas ruas, ou a conversa de Jéssica com a principal serva do palácio real, uma nativa que entra em choque ao perceber os sinais da profecia. Ao adentrar o deserto e começar a viver entre os fremen, essa semente os ajuda a sobreviver e ganhar poder, ao mesmo tempo que Paul se sente preso ao destino terrível que ele testemunhou em suas visões.

A figura de Paul se encaixa no perfil demagógico de Weber e no seu fascínio pelos profetas hebraicos. Ele desde o começo de sua jornada pelo deserto, estando ciente do futuro e do que ele deveria fazer, sabe que a chave para conseguir sobreviver está nos fremen e sua religião. As emoções ferventes dos fremen em

querer lutar e buscar sua liberdade, são exploradas por ele e vão evoluindo conforme Paul vai se encaixando perfeitamente no mito¹⁹, os ensinando tanto práticas de combate quanto filosofias, o que acaba levando os fremen, antes céticos de sua pessoa, a se tornarem seguidores fanáticos por Muad'Dib, ao ponto de surgirem exércitos suicidas em seu nome que podem tornar qualquer ação que Paul realiza em uma lenda, como ele mesmo aponta:

Não posso fazer nem as coisas mais simples sem que se tornem uma lenda. Eles irão registrar como me despedi de Chani, como saudarei Stilgar, cada gesto meu nesse dia. Vivendo ou morrendo, é uma lenda. Não posso morrer. Aí seria apenas a lenda, e nada impediria o jihad. (HERBERT, 2017, p. 496).

Ao mesmo tempo que se lamenta do rumo que o fanatismo está indo, vemos que voluntariamente, Paul se utiliza das emoções como força, guiando os fremen em direção ao seu objetivo. O principal momento que podemos utilizar de exemplo é o discurso de Paul para as tribos antes da batalha final, e aqui será interessante compararmos a versão do livro de Herbert com a adaptação de Denis Villeneuve (2024) para o cinema.

O discurso da segunda parte da adaptação de Villeneuve possui um tom predominantemente religioso e messiânico, sendo o momento de aceitação do papel de profeta por Paul e a conversão total dos fremen ao seu mito. O convencimento ocorre pela força religiosa nas palavras de Paul, utilizando de sua visão de passado e futuro para provocar os fremen com fatos que somente eles e o prometido profeta poderiam saber, como a vida particular de um dos fremen presentes e o antigo nome de Arrakis. O uso da profecia se faz muito presente, afirmando que ele é o profeta aguardado e ele é quem trará o “paraíso verde” tão prometido nas lendas. Acontece um convencimento graças ao oferecimento da tão desejada utopia pelas massas e pelo exercício do carisma e dos dons de Paul, focando em fazer as emoções dos fremen serem o motor que alimenta o movimento. Podemos ver a predominância dos elementos do poder carismático de Weber nessa versão.

No livro, pelo contrário, quando voltamos do salto temporal de 2 anos entre a segunda parte e a terceira parte, já houve a afirmação da papel de profeta por parte do Paul, todos os fremen já são seguidores fanáticos de Muad'dib, até o alto conselho das tribos ouve o que Paul tem a dizer, e o discurso serve mais para chamar os fremen para uma oportunidade de acabar com a guerra e com o costume do desafio pela liderança imposto, já que a liderança das tribos ainda está com Stilgar. O uso da lógica se faz predominante nessa versão, diferente do filme e seu tom religioso. Paul foca em fazer associações e reflexões acerca das desvantagens que seria perder alguém como Stilgar, e da superioridade de Paul em combate, seja pelo fato de sua idade ser inferior à maioria ali e ele ter treinado todos os presentes, ou seja por seu papel de messias.

Vemos que ambas versões possuem as características demagógicas dos profetas hebreus de Weber, uma combinação de paixão e carisma pessoal com uma visão racional e coerente do mundo, cada uma com um desses elementos predominando. Paul possui todo o carisma pessoal oriundo dos seus milagres e vitórias como líder religioso e guerreiro, além da compreensão realista, aqui exacerbada para uma compreensão que vai além do tempo, possuindo uma visão

¹⁹ As emoções de Arendt também pode ser interpretadas aqui, conforme o exemplo de Hitler e o partido nazista.

do futuro e achando que compreende o que deve ser feito, visando evitar o caminho errado.

Essa compreensão, entretanto, se mostra falha muitas vezes devido a falta de certos detalhes em sua visão turva, e como aponta Wakefield, “He aims to do the right thing (as ‘a supreme moral symbol’), but he doesn’t have the right answers to every question (hence the lack of ‘moral pretensions’).” (WAKEFIELD, 2023, p. 222). Essa falta de um entendimento completo de suas visões o preocupa diversas vezes, pois podem acarretar no destino da jihad. Uma passagem interessante que o livro apresenta sobre as visões de Paul e a profecia, e se encaixa nas reflexões tanto de Weber quanto de Arendt, é dita por Irulan, a filha do imperador:

Profecia e presciência: como é possível colocá-los à prova diante de perguntas sem respostas? Pense nisto: quando se deve à verdadeira previsão da “forma da onda” (nome que Muad’Dib dava a sua imagem-visão) e quanto se deve ao profeta que vai modelando o futuro para se encaixar na profecia? E quanto aos harmônicos inerentes ao ato profético? Será que o profeta vê o futuro? Ou será que enxerga uma linha de fraqueza, uma falha ou rachadura que ele possa partir com palavras ou decisões, da mesma maneira que um cortador de diamantes estilhaça sua pedra com o golpe de uma faca? (HERBERT, 2017, p. 361).

Vemos aqui um bom exemplo das teorias de Weber e Arendt. Na teoria de Weber, o líder dotado de carisma necessita estar constantemente demonstrando seus dons, e no caso de Paul podemos perceber que ele unifica o papel religioso com o guerreiro, pois ele demonstra seus dons tanto em batalha quanto em seus discursos em diversos momentos, ao ponto de que qualquer coisa que faça se torna uma afirmação da sua força messiânica, como já comentado. Já na teoria de Arendt, podemos encaixar essa fala de Irulan, especificamente na parte do modelamento do futuro, na característica do oportunismo dos líderes totalitários. Conforme explicado antes, Arendt detalha que os líderes totalitários são especialistas em se aproveitar de fraquezas e oportunidades para alcançar seus objetivos.

As emoções são o maior exemplo desse oportunismo em Duna. Elas são o principal alvo quando se trata da manipulação religiosa, como podemos ver ao longo dessa análise, com o sofrimento de milênios, a humilhação, o desrespeito, a raiva e a vontade de se libertar sendo as emoções predominantes entre os fremen, claro, em conjunto com uma fé fervorosa que algum dia o salvador viria para libertá-los. O medo de Herbert sobre o abrir mão de suas próprias faculdades, do seu poder de decisão, se faz presente nesse momento, pois agora os fremen estão seguindo a vontade de apenas um indivíduo, crendo que ele está fazendo o melhor para o bem do povo, pois Paul já se “tornou” um fremen - no livro, esse momento se dá quando ele monta o verme de areia pela primeira vez, um ritual de iniciação de todo fremen quando jovem, mas como Paul é um estrangeiro, esse ritual tem um outro significado de aceitação, tanto do povo quanto da profecia - e agora é visto como alguém do mesmo contexto, além de uma personificação dos fremen. Uma conexão que podemos fazer com Arendt acerca das emoções em Duna, além da já citada racionalidade entre humano e animal, é o medo da figura do humano sem emoção como falado pelo Barão Harkonnen, “the man without emotions is the one to fear. But deep emotions...ah, now, those can be bent to our needs.”²⁰ (HERBERT, 1990, p. 601). Nesse caso, há uma diferença no que temer nesse tipo de pessoa, a Arendt

²⁰ Tradução própria: O homem sem emoções é aquele a ser temido. Mas os que possuem emoções profundas...ah, são esses que podemos usar para nossas necessidades.

temia a falta de emoções quando refletia sobre a responsabilidade e culpa pela guerra, enquanto o Barão teme esse tipo pela imprevisibilidade das ações humanas desprovida de emoções.

Por fim, após o discurso de Paul e o início da guerra por Arrakis, Herbert finaliza a história com a vitória das legiões fanáticas e a consagração de Paul como imperador do Imperium, e agora a jihad, que ele tanto quis evitar, começou contra todas as demais Casas Maiores e quaisquer forças contrárias as vontades de Muad'Dib e seu exército fanático de fremen. Vemos como Herbert conseguiu mostrar a ascensão de um simples menino de 15 anos à figura de um líder carismático, mas com diversos traços autoritários e totalitários, e na sequência, Messias de Duna, Herbert mostra as consequências e a queda dessa figura, especialmente como o próprio movimento continua sem a pessoa de Muad'Dib e somente a sua figura e mensagem - interpretada pela visão pessoal de cada um -, um traço das teorias de Weber quanto à sucessão após a morte ou queda da figura carismática, diferente da teoria de Arendt, onde o movimento encontra seu fim após a perda de seu líder.

Podemos perceber uma predominância dos conceitos weberianos em Duna, ainda que muitos dos traços de Arendt se fazem presentes, pois Herbert escreveu o livro no mesmo período em que Arendt refletia o que aconteceu na Europa nas últimas décadas. Ambos escreveram baseados em suas vivências únicas e distintas, mas compartilharam opiniões sobre os perigos desse tipo de liderança. As massas no conceito de Arendt são um ótimo exemplo de como os fremen se configuraram perante a profecia e a figura de Paul Atreides, e ainda possuem traços weberianos quando mobilizados por ele. Herbert consegue através desse enredo de disputas políticas entre casas nobres, questões filosóficas, ecológicas e econômicas, trabalhar a jornada de um profeta e os perigos que são criados através dela, como a abdicação de sua vontade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, ficou notório que a obra de Frank Herbert retrata lideranças carismáticas através da ascensão de Paul Atreides como messias do povo fremen. Ademais, a religião e a ecologia são elementos essenciais para compreensão do processo de transformação do protagonista, uma vez que são utilizados como ferramentas por Paul para atingir seus objetivos, enquanto o autor os utiliza como meio de criticar a figura desse tipo de líder. Apresenta-se, também, os tipos de poder de Max Weber, com foco no estudo do poder carismático, e a teoria da liderança totalitária de Hannah Arendt. Em conjunto, aborda-se como as emoções são importantes para uma compreensão mais profunda dos pensamentos dos autores.

Esses conceitos servem como base teórica para a análise e aprofundamento das lideranças de Duna. A obra apresenta passagens como a do discurso de Paul Atreides para os fremen, onde se veem fortes elementos de Weber e Arendt nas duas versões analisadas. Encontra-se, através das figuras das Bene Gesserit, a divisão racionalista entre “humanos” e “animais”, pensamento essencial para Weber e Arendt. Passagens como essas permitem enxergar a presença forte desses elementos teóricos nas influências de Frank Herbert, o que o permitiu contar uma história que retratasse sua preocupação com o futuro da humanidade, com questões ecológicas e com o perigo desse tipo de figura de liderança. Também, exemplifica-se como ficções podem ser um meio de estudo sobre temas contemporâneos, nesse caso a figura de líderes populares e carismáticos, sem uma falta de complexidade e

profundidade, podendo gerar o interesse do leitor comum em buscar novas formas de estudo para os temas encontrados nas obras ficcionais.

Por fim, através dessa análise exemplificamos como ficções podem ser um meio de estudo sobre temas contemporâneos, nesse caso a figura de líderes populares e carismáticos, sem que peque em complexidade e profundidade, podendo gerar o interesse do leitor comum em buscar novas formas de estudo para os temas encontrados nas obras ficcionais. Duna comprova isso ao possuir maturidade e seriedade para debater temas como religião, política, ética e filosofia, permitindo ao leitor tirar suas próprias conclusões, conforme era o desejo de Herbert.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. At the table with Hitler. In: KOHN, Jerome (Ed.). **Essays in Understanding, 1930–1954: Formation, Exile, and Totalitarianism**. Nova York: Schocken Books, 2005. p. 317-328.

ARENDDT, Hannah. **On Revolution**. Nova York: Viking Press, 1963.

BAEHR, Peter. The theory of totalitarian leadership, In: BAEHR, Peter; WALSH, Philip. **The Anthem companion to Hannah Arendt**. Nova Iorque/Londres: Anthem Press, 2017, p. 221-248. Disponível em:
<<https://medium.com/amor-mundi/the-theory-of-totalitarian-leadership-1af00db6873e>>. Acesso em: 02 nov. 2024

DUNA: Parte 2. Direção: Denis Villeneuve. Produção: Mary Parent, Cale Boyter, Denis Villeneuve. Roteiro: Jon Spaihts, Denis Villeneuve, Eric Roth. EUA: Legendary Pictures, Warner Bros. Pictures, 2024. Online.

FORSYTHE, Sam. The mind at war: conflict and cognition in Frank Herbert's Dune. In: DECKER, Kevin S. (Ed.). **Dune and philosophy: minds, monads, and Muad'Dib**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2023, p. 229-238.

HEINS, Volker. **Reasons of the heart: Weber and Arendt on emotion in politics**. The European Legacy, Vol. 12, No. 6, 2007. p. 715–728. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652011000100007>. Acesso em: 20 out. 2024.

HERBERT, Frank. Conversations in Port Townsend. In: O'REILLY, Tim (Ed.). **The maker of dune: insights of a master of science fiction**. Nova York: Berkley Books, 1987, p. 231-248. Disponível em:
<<https://archive.org/details/the-maker-of-dune-insights-of-a-master-of-science-fiction-by-frank-herbert-tim-o-reilly>>. Acesso em: 19 nov. 2024

HERBERT, Frank. Dangers of the superhero. In: O'REILLY, Tim (Ed.). **The maker of dune: insights of a master of science fiction**. Nova York: Berkley Books, 1987, p. 97-101. Disponível em:
<<https://archive.org/details/the-maker-of-dune-insights-of-a-master-of-science-fiction-by-frank-herbert-tim-o-reilly>>. Acesso em: 19 nov. 2024

HERBERT, Frank. **Duna**. São Paulo: Aleph, 2017.

HERBERT, Frank. **Dune**. Nova Iorque: Ace, 1990

HERBERT, Frank. The sparks have flown. In: O'REILLY, Tim (Ed.). **The maker of dune: insights of a master of science fiction**. Nova York: Berkley Books, 1987, p. 102-121. Disponível em:

<<https://archive.org/details/the-maker-of-dune-insights-of-a-master-of-science-fiction-by-frank-herbert-tim-o-reilly/>>. Acesso em: 19 nov. 2024

TEIXEIRA, Carla Costa. **Honra moderna e política em Max Weber**. Mana, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 109-130, 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-93131999000100005&Ing=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 26 nov. 2024.

WEBER, Max. Três tipos puros de poder legítimo. In: WEBER, Max. **Três tipos de poder e outros escritos**. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

WAKEFIELD, James R. M. The god emperor and the tyrant: the political theology of Frank Herbert's Dune saga. In: DECKER, Kevin S. (Ed.). **Dune and philosophy: minds, monads, and Muad'Dib**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2023, p. 201-210.